

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 47 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 13 de Dezembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. «A Tradição» — FAFE

Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura
PELA CIDADE

Fechou o Grande Hotel de Guimarães!

Mais uma enorme falta para esta terra, mais uma vergonha e mais uma facada no progresso!

Pobríssimo, lá se ia aguentando com o nome pomposo e com meia dúzia de hóspedes permanentes, naquêl certo engano que ao *touriste* não enganou nunca, vivendo e servindo como é gosto de Deus!...

Lá fechou o nosso grande Hotel!

S. Francisco, S.ª Teresinha e S. Domingos, valei-nos!

Capitalistas de Guimarães, homens de grandes burras, então, onde o vosso bairrismo, o vosso desejo de bem servir o encantado berço e a efectivação das promessas que são letra do hino?!

—Vergonha das vergonhas...

No passado dia 29 deu entrada na cidade o tradicional cortejo do "Pinheiro" — faício das conhecidas festas Nicolinas. Reduzido, talvez pelo mau tempo, contudo o povinho encheu as ruas e... gostou dos pingantes dos caleiros e da claridade dos relâmpagos.

No Largo 15 de Fevereiro já foram iniciadas obras de aforoseamento, provável ponto de partida para as obras de saneamento tão desejadas.

Já se encontra instalado o posto sanitário creado pela Câmara Municipal.

É uma obra que merece aplauso e que de há muito se impunha em Guimarães.

No dia 1.º do corrente, a Academia festejou a data gloriosa da "Restauração" percorrendo as ruas cidadinas com a Banda dos Bombeiros Voluntários, e dando vivas à Pátria e a Portugal.

A certas e determinadas horas continuamos presenciando o triste e vergonhoso espectáculo de, na rua Paio Galvão, haver estacionamento das prostitutas, sendo impossível passar-se ali com uma senhora.

Chamamos a atenção da Autoridade.

No dia 4 realison-se, na Sociedade Martins Sarmento, a 2.ª conferencia da época. Foi orador o illustre publicista Ex.º Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo. No próximo numero diremos das impressões colhidas.

Guimarães defende a integridade do seu Concelho

UMA "CAUSA PERDIDA" QUE QUER RESSUSCITAR!

Eu julgo que ninguem mais que o jornalista precisa de ser oportuno.

Satisfazendo pois a esta condição, eu não tenho «carteira» nem cartel de jornalista, venho em demora dizer ao illustre ornamento da imprensa snr. António de Cértima: que o seu longo, o seu *literário* artigo no «Portugal», chegado hoje a Guimarães, trata de um assunto muito sugestivo, mas sem oportunidade, pois *já foi arrumado pelo Governo*

Ainda assim, porque é sempre interessante vêr tratados na imprensa assuntos sérios, como é o caso do pretense concelho de Vizela, mormente quando eles são postos com aprumo, embora com paixão, como o faz o distinto jornalista snr. António de Cértima,—queiro não deixar sem resposta quem pela sua elegância literária a merece, aproveitando a ocasião de esclarecer quem por sugestões de fantasia julga ter a razão por seu lado.

Vizela não é desistimada como se provará mas, se quer ser concelho, que vá só!

Fala o artigo em referência numa «guerra» acesa entre Vizela e Guimarães. Nada mais illusório. A mera pugna entre as duas povoações, se é certo que já vem de 1852, nem por isso constata arrufos e peguilhos entre si, tanto a gente da sede do concelho acha que a ingénua aspiração da autonomia, preconizada pelos vizelenses não é um peccadilho que mereça desamor.

Basta dizer-se que, no período de 59 anos, ninguem mais falou no insuccesso da primeira investida; e, nem mesmo depois do segundo e terceiro movimento dos de Vizela pela sua *carta de alforria*, — 1911 e 1912 —, as vereações vimaranenses deixaram de dar a Vizela os melhoramentos de que ella mais carecia: *luz, água, mata-louro, posto médico, etc.*

E', portanto, mal achado o vocábulo de «guerra» entre Vizela e Guimarães.

Ainda agora, o acusado «bairrismo óco e rançoso», o «goismo feroz», a «rabujice piegas», os «interesses venenosos» dos de Guimarães, outra coisa os não leva a dizer e a proclamar aos quatro ventos—**que Vizela se emancipe e faça vida à par e quando quizer, já que isso lhe apraz, mas que vá só!**

Que vá só, com a sua população de 2.649 habitantes—e não 5.000, como diz o snr. Antonio de Cértima—e não pretenda arrostar capciosamente, em fraude e em ludíbrio da lei, mais oito ou dez freguesias!

Sim, eu acuso os «abencerragens» de Vizela de, no lance, não haverem cumprido as condições da lei n.º 621.

Quem pretende formar um novo organismo administrativo satisfaz ás condições do «referendum» popular, feito ás claras, com prévia convocação em cada uma das freguesias que se deseja conquistar e não faz como meia dúzia de vizelenses fizeram, colhendo assinaturas de porta e porta, impingindo o *conto* ao pacóvio!

Resultado?

Ter aparecido no Terreiro da Paço uma segunda edição de «abaixo assinados», dizendo o eleitorado das freguesias arreban'adas que «sim» e que «não»—o que deve pelo menos tirar as ensanchas do depoimento *famoso* que o snr. Antonio de Cértima diz ter feito, ouvindo em reportagem corrida, de fugida, o snr. Damião, de Infias, o snr. Lopes de Nespereira, o snr. Castro, de Moreira, e, finalmente, o snr. Vellozo de Araujo, de Lordelo, onde o despeito de o illustre snr. Antonio de Cértima se haver reportado ao muito conhecido «fluxo labial» d'êste nosso velho amigo, nem por isso da sua boca ouviu, isto que toda a gente sabe: *que Lordelo*

já levou o seu protesto junto do Governo, pelo modo como os de Vizela lá andaram a «escamotear» assinaturas!...

A vida atribuída dos pequenos Concelhos não autoriza a mutilação dos grandes.

Mas, repito, reproduzindo o sentir dos meus conterrâneos:

—*Quere Vizela ser concelho? Que lhe façam a vontade. Mas que vá só!*

Agora, lá porque Guimarães, como diz o snr. Antonio de Cértima, é «a Manchester minhota», dona de um concelho «enormíssimo», «descomunal», que paga só de imposto de transacções mais de 1.000 contos que todos os concelhos do distrito—aquí há erro de citação—não é motivo para mutilar, desfalcar a estrutura do concelho; tanto mais que é erro fundamental o do jornalista brilhante quando defende o critério de que aos concelhos grandes, «são preferíveis os concelhos médios», «para efficácia das leis» e comodidade dos municipes.

Se o distinto jornalista já algum dia passou pela governança municipal—o que muito duvido—deve saber quão precária e atribulada é a vida dum concelho que, não contando com o «imposto ad-valorem», mal lhe chegam, hoje em dia, as receitas para o pagamento das suas despesas obrigatórias.

—Qual é o rendimento próprio com que Vizela conta para fazer face á montagem e funcionamento de um concelho?

O jornalista diz no «Portugal» que «as contribuições gerais com que Vizela concorre para os rendimentos municipais de Guimarães orçam por uns 180 contos; e, dentro d'êste orçamento de previsão feito pelo jor-

Simplesmente infame

O «Ecos de Guimarães», o simplório, o inocente, o puro e casto «Ecos», fingindo acreditar como autêntica uma cópia impressa duma pseudo-carta do Sr. Dr. José Domingues dos Santos ao Sr. Urbano Rodrigues, transcreve-a e acaba com esta irada fenomenal:

Por ela podem os nossos leitores fazer ideia da moralidade republicana, insaciavel de dinheiro.

O «Ecos», sonso e lórrpa, fem a mania de chamar caluniadores aos outros, julgando-os pelos da casa.

Mas como mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo, ei-lo que se nos revela na pulhice dos seus processos de combate.

Aceita como bom e estampa nas suas colunas um escrito apócrifo, e com êle pretende dar uma ideia da moralidade republicana.

E' duma esperteza saloia, o casto e miú puro «Ecos», lembra-me um rateiro ladrando à lua.

Lua alta... colmilhos pôdres...

Há em Portugal uma Lei de Imprensa que não permite publicar escritos apócrifos.

Há uma Comissão de Censura que, se tem obrigação não deixar criticar ou atacar os métodos do governo e dos homens da Situação, que parece-nos ser ainda republicana, não deve permitir que se façam ataques malévolo e insidiosos contra as instituições republicanas que êsses homens servem.

Salvo se a Lei de Imprensa e a Censura se fizeram somente para os jornais republicanos.

Então, calamo-nos... até que possamos gritar.

nalista,—sob sua responsabilidade—ousa afirmar que esse rendimento seria absorvido pelas despesas obrigatórias e outras de mera arrumação de casa que o pretense município Vizelense contrairia, só apenas lhe ficando, portanto, o imposto de turismo—70 contos?—para o fomento da linda terra de Vizela.

...Mas, já agora, fcará para nova tarefa—o mais e o muito que falta para dizer.

Guimarães, 2

A. L. de Carvalho.

Lêde e propagal

«A RAZÃO»

CONVERSANDO

Com o louvável intuito de acabar com a porcaria do Largo de S. Tiago, com o lixo material e moral que ali se vê, resolveu a Comissão Administrativa transformá-lo, de modo a que, dentro em pouco, desapareça do centro da cidade, das próprias abas da Câmara, aquela montureira.

E' uma medida higiénica, como qualquer outra, sem pretensões à immortalidade, nem aspirações a réclamo. Uns canteiros relvados, um fontanário ao centro e... luz, muita luz. Coisa simples, simples remendo a querer tapar uma das muitas misérias desta linda terra, com que até agora mal se importaram os que há tantos anos lhe vem gerindo os negócios.

Não caiu a deliberação camarária no gôto de «A Velha Guarda», e como lhe não agradou, vá de entrar com ela. Contudo, desta vez há na alusão um humor digno de registro: parece que voltamos ao tempo em que os animais falavam. E' grosseira a gracinha, é; mas, cada um dá o que pode.

O caso é, que, avessos a tudo que represente obra útil, da parte dos intrusos, claro está, os do órgão do P. R. P. são particularmente avessos a todas as medidas que digam respeito a hygiene. Arripiaram-se, quando lhes falaram em sentinas e mictórios, e sentem vômitos agora, que se trata de limpar uma fossa. Questões de gostos. Há-de sêr por isso que P. P. não engeita a paternidade, mas não leva a bem que netos delas queiram brincar com elle.

Honni soit... filhos meus, e viv'ô respeito.

Não há que vêr. Entraram com o pé esquerdo os de «A Velha» e a cegueira no ataque fá-los dar cabeçada.

Cabe a vez aos porcos.

Este *polimórfico anfíbio* — assim chamou ao porco um estudante do meu tempo, que justificava a sua classificação d'êste modo: o porco vive no chiqueiro; e chiqueiro é de lama; a lama é água e terra: logo, o porco é anfíbio. E é polimórfico pela razão conhecida de se nos mostrar sob variadíssimas formas: porco, presunto, chouriço, alheira, etc., etc. — Pois, cabe a vez ao polimórfico anfíbio.

«A Velha Guarda» insurgiu-se contra a incúria da Câmara, que não cumpre as posturas e deixa que os porcos vivam cá no burgo a vida lauta de qualquer papo-sêco com recursos, a vida regalada de qualquer político galopante.

Tem razão o colega. Consta, porém, que o inteme

de que, quem estas linhas escreve, foi em tempo, no tempo da cuidadosa verificação anterior á dos intrusos, procurado para neste semanário levantar uma campanhazinha contra as regalias e privilégios de que já então, entre nós, gosavam os *de-testáveis* suínos.

A porcaria era, pelo visto, a mesma. Mas, como um mal não justifica outro, de esperar é que se tomem rápidas medidas no sentido de acabar com o abuso. Secundamos o apêlo de «A Velha Guarda». E' preciso que a *suínica* invasão de que o colega fala, oponha a Câmara o seu nunca vencido exército de mal pagos zeladores, antes que a epidemia a dizine e arruine. S. Jorge e Guimarães!

Aos porcos, que é tempo dêles! Mortos, apê!... Vai sêr um novo S. Bartolomeu. E eu sem porco...

Diz «A Velha» que a Câmara se excedeu ao descontar 2% nos vencimentos dos empregados municipais, para pagamento do seguro contra accidentes de trabalho. Até aqui boa crítica, digna de respeito. Se fosse sempre assim... Mas, não. Para não destoar da praxe costumada, não resiste o colega a declarar, caluniosamente, que esta decisão camarária foi tomada para servir certos amigos.

Para «A Velha Guarda» estes camaristas são uma sucia de gatunos, uns *sovaqueiros* quaisquer, que entram sem mais nem menos no bolso do próximo e o deixam a pedir. Pode o colega discordar da utilidade da medida; pode, se quizer, dizer que não há lei que sancione. Mas filiar em favoritismos de sonestos o facto, é infamia.

Vêr-se-há se a Câmara se precipitou no que fez, quando se provar que ela se baseou em leis ou artigos de leis revogadas. Até lá, nada de cuspir para o ar. Que, dando de barato que a Câmara errou, não é caso para se estar a insultar ninguém.

Dava vontade de rir, se não revelasse baixos sentimentos e não fôsse desprestigiante para a Republica, diz o colega. Não há dúvida; em baixos sentimentos os intrusos não se fartam de dar escandalo.

Quanto ao prestígio da Republica, pena e muita pena devem ter os de «A Velha» ao reconhecerem que em volta dos actuais camaristas se não pode urdir a mais leve acusação que possa, mesmo de longe, atingir o regime.

Estúpida mania...

Para certas creaturas, os botoendos entre elas, é em vão todo o apêlo que se faça, todo o esforço que se faça com o fim de conseguir-mos um melhor arranjo social.

Há uns anos para cá que uns *parvos desconhecidos* veem gritando ás turbas as excelências da previdência. Dizem elles, os *parvos*, que a previdência é uma das maiores necessidades da época e, como tal, deve até sêr imposta aos povos que a não teem como hábito.

Talvez isto seja *bunfo* para qualquer talento; à certa que o não é para inteligencias medianas.

Nesta ordem de ideias, e sendo de todos bem sabidos os benefícios dos seguros de que se trata, de esperar seria que não fôsse tão longe o ataque. Mas foi, que a porca da politica — é esta que se não farta de nos mimosear com epidemias — não teve mão nas urinas.

Foi longe, foi até onde o levou a miolreira avaria de um sábio com pés de barro.

Vossas Excelencias nunca tiveram a dita de vêr e ouvir os *reizeiros* da Maia? São impagáveis. Eu vi-os há tempos, está a fazer anos, em Janeiro frio e chuvoso. Representava-se o Herodes, o famigerado *ma'a-meninos*, de que a tradição deixou um rasto de sangue e lepra. Vi-os e gostei, pelas boas gargalhadas que, com a sua *ingénua fatuidade*, me souberam arrancar.

O primeiro a entrar em scena foi o herói da peça, o fero Herodes. Avançou a passo largo e compassado até à ribalta e bradou em voz trovejante:

Eu sou o tais Herodes tão falado
Ante o qual todo o mundo cai varado

Ora, succedeu que da vez que eu assisti ao dramalhão, Herodes, ao declamar o seu papel, tocou com o choço, que lhe servia de durindana, no peito de um dos espectadores. Este levanta-se de má catadura e reponta colérico: O' seu Herodes! Olhe que eu bem sei quem você é. Deixe-se lá de fitas e esteja quietinho. Bonda de graças!...

Se eu fôsse intruso, membro ou camarista, não queria outra resposta para dar aos vários Herodes que veem despejando toda a sua ira contra a C. Administrativa.

O' seus Herodes! Bonda de graças!...

P. P.

Assinaí

«A RAZÃO»

Batalhão de Metralhadoras 2

UMA REUNIÃO

Para desfazêr boatos a que alguma imprensa deu crédito, referentes a umas pretensas obras que se estavam efectuando no edificio do Paço dos Duques de Bragança para instalação das cavalariças do gado do Batalhão de Metralhadoras 2; atendendo a que tais infundadas afirmações podem prejudicar a permanência nesta cidade da unidade militar que coube em sorte na última reorganização do exército; e tornando-se necessária uma unidade de vistas comum sobre êste assunto para que não surjam surpresas pela dificuldade de aquartelamento, do Ex.^{mo} Snr. Tenente-Coronel Francisco Ferreira, digno comandante do Batalhão, recebemos um amável convite para uma reunião na sede do seu comando e a qual se efectivou em 26 do mês findo. Enviaram a sua adesão os nossos colegas «Velha Guarda» e «Ecos de Guimarães» os correspondentes do «Diário de Noticias», «Século» e «Jornal de Noticias», tendo assistido o nosso director, o correspondente de «O Comércio do Porto», snrs. Major Menezes Pinheiro e Capitão Mário Cardoso.

O Ex.^{mo} Snr. Comandante agradeceu a comparencia dos presentes e relatou minuciosamente o assunto que, no convite, annunciara. Disse S. Ex.^a que tendo sido destinado um Batalhão de Metralhadoras para a cidade de Guimarães, havia necessidade em o alojar e ao comando desta unidade cumpria encetar as diligencias necessárias para o fazer. Reconhecia-se que o antigo quartel do transferido Regimento de Infantaria N.º 20 só remediava para um aquartelamento provisório e que urgia procurar dar uma solução ao problema.

De Bragança, de Valença e d'outras sedes de unidades militares annunciavam a vinda de gado e material... Para que não tivessem de mandar suspender tudo isso, deliberaram pedir o concurso da Comissão Administrativa da Câmara e fazer construir umas cavalariças provisórias cujo local seria o da travessa que dá ligação da parada exterior á Rua P.^a Antonio Caldas; que tendo procurado alojamento de gado em cavalariças particulares, o não conseguiram; que, de harmonia com a opinião do senhor Presidente da Comissão Administrativa, o Ex.^{mo} Snr. Major Menezes Pinheiro, então comandante-interino do B. M. 2, havia feito um exposição cla-

POBRE BARDO

E rematou a carta assim: «o desgraçado não chegou a falar, não deixando um nome, um indício que servisse de guia na descoberta do agressor»

Pobre amigo, pobre bardo. A mocidade inteira levou-a elle na boémia pacata dos tristes, o dia dado á labuta mal renumerada, a noite, as primeiras horas da noite, calcurriando ruas e vielas, a guitarra a trilar leves gorjeios de avesita em Maio de ninhos e flores...

Parece que o dominava e impelia uma especie de nostalgia amorosa, não faltando onde uns olhos lindos o chamassem, não se esquecendo nunca do lugar em que lhe fôra dado colher meigo sorriso de beldade esconsa.

Mal saía da loja, lá ia ele, o pobre diabo, o deserdado, dizer a sua *missa cantada* em louvor da *santa* das suas devoções e já não havia canto nem esquina onde elle não tivesse feito altar donde *oficiasse*.

Um dia vira ele esbelta morena de olhos pretos e não mais os passos lhe fugiram do bôco afastado em que ella morava.

Ninguém o via, fugia dos amigos, a economisar, talvez, todo o tempo disponível para o dar á felicidade da M.

Bebia os ares por ella, o pobre diabo, e, se não fôra a miséria em que vivia, o medo a fazê-la passar privações, tê-la-lhe levado á igreja. E todo o seu sonho era arranjar uma situação desafogada, um *logar-sito* donde lhe viessem os proventos e a tranquillidade que queria ofertar ao seu idolo.

Um dia, ou antes, uma noite, lá foi, como de costume, a guitarra a trinar leves gorjeios de avesita em Maio de ninhos e flores. Alto, decerto, lhe pairava a esperança, quando mergulhou a cantar na treva da viela.

Pobre bardo, pobre amigo. Foram encontrá-lo horas depois, caído de borco sobre a guitarra, a fronte e o peito a sangrar, golpeados pela navalha traiçoeira.

E morreu, o desgraçado, sem deixar um nome, um indício, que servisse de guia na descoberta do agressor.

E a tal morena? Fugio. Disse que o assassino...

P. P.

ra ao Ministro da Guerra, e que d'êste se achava dependente a solução. Apelou para o bairrismo e patriotismo da imprensa vimarense pedindo que a *une voce*, lembrássemos á Câmara a urgente necessidade de auxiliar a boa vontade de todos os officiaes do seu Batalhão, não esquecendo o muito que deve uma cidade verdadeiramente commercial e industrial a qualquer unidade militar que nessa cidade tenha permanencia.

Falou a seguir o sr. Jerónimo Sampaio, que pedindo desculpa de ter provocado aquella reunião, demonstrou não ter havido da sua parte qualquer má fé ou propósito, pois fê-lo mercê duma local inserida num semanário local.